



HAL
open science

Classificar, denominar as línguas de São Tomé

Jean-Louis Rougé, Emmanuel Schang

► **To cite this version:**

Jean-Louis Rougé, Emmanuel Schang. Classificar, denominar as línguas de São Tomé. Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica, 2012, Lisbon, Portugal. halshs-01829514

HAL Id: halshs-01829514

<https://shs.hal.science/halshs-01829514>

Submitted on 4 Jul 2018

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Classificar, denominar as línguas de São Tomé

Jean-Louis Rougé & Emmanuel Schang

Université d'Orléans

Abstract : Classifying languages is a very sensitive matter which has implications on the population themselves. In this paper, we highlight what is at stake socially and politically in the denomination of the languages spoken in São Tomé and Príncipe. To do this, we analyze and describe grammatically a recording of a Tonga speaker which illustrates the preconceived ideas linked to the notion of language and dialect.

Palavras-chave : Tonga, Forro, Angolar, Ling'le

Identificar, classificar, denominar as maneiras de falar não é um assunto reservado aos linguistas. Cada dia, os locutores avaliam as produções linguísticas dos outros : «Fala bem », « têm sotaque », « não fala » ou « fala português », etc. Esses julgamentos mais do que linguísticos, são julgamentos sociais que dizem respeito à constituição de comunidades humanas, à hierarquização das mesmas, à identificação das pessoas como membro das comunidades. Bourdieu (1982) já mostrou a violência simbólica dessas classificações já que os julgamentos se dirigem tanto às maneiras de falar como aos locutores que são assim identificados, classificados, denominados.

Nas situações de contactos de línguas essas avaliações tomam uma acuidade mais revelante. Trata-se muitas vezes de determinar onde começa ou onde acaba uma língua. Quando essas situações de contactos são no mesmo tempo situações coloniais ou post coloniais atrás das delimitações linguísticas surgem as delimitações sociais. As representações ligadas às mesmas transparecem nos nomes escolhidos para designar as variedades linguísticas (sobre os nomes das línguas Tabouret-Keller & al., 1997). Disso, São Tomé e suas línguas constitui um exemplo perfeito.

As línguas de São Tomé e os nomes delas

Uma das línguas vernaculares de São Tomé é habitualmente designada por três nomes, cada um levando várias conotações :

- *dialêtu* : é impossível falar deste nome sem referência a sua etimologia. Dialecto diz respeito ao estatuto de dependência dum sistema linguístico a outro considerado como superior. *E ka fala dialêtu* conota, significa também, « ele fala uma espécie imperfeita ou inferior de português» .

- *forro* : designa a mesma língua a partir da origem socio-histórica dos supostos locutores, e leva também todas as conotações pejorativas possíveis que são ligadas a essa palavra, pelo menos em São Tomé. Essa designação liga profundamente a língua à escravatura.

- **lungwa santome** : define a língua como a língua de São Tomé o que deixa pensar que as outras línguas faladas na ilha não são, ou são menos, línguas da ilha ; ou pelo menos não são línguas vernaculares –isto é nascidas in loco- o que no caso

do angolar é errado e no caso de variedades endógenas do português muito discutível. É de salientar que no Príncipe, por causa da ausência de outras línguas vernaculares, a denominação *ling'ie* é menos sujeita a este tipo de conotação. Falar de *santomeense* para designar o crioulo majoritário na ilha de São Tomé apresenta os mesmos inconvenientes.

Assim, qualquer apelação da língua apresenta inconveniente. Isso não é unicamente o caso de São Tomé: é só de lembrar as discussões em torno de « espanhol » e « castelhano » ou « português do Brasil » e « brasileiro »

Os qualificativos atribuídos às línguas também colocam questões. O que significa designar o angolar, como já ouvimos muitas vezes, como uma língua bantú? Para um linguista é evidente que considerando as características tipológicas das línguas bantú (línguas com sistema de classes nominais), o angolar não é uma língua bantú. Então o que se pretende com essa afirmação? Será uma referência a proporção importante de lexemas de origem bantú? Será uma alusão a história da língua e de seus falantes?

A palavra « crioulo » leva também o mesmo tipo de discussões que são testemunhas da discordância entre as apelações dos linguistas e o sentimento dos locutores. Assim, muitos falantes têm relutância em caracterizar as três línguas (forro, angolar, *ling'ie*) como línguas crioulas, considerando este adjetivo como depreciativo; enquanto pelos linguistas trata-se de uma caracterização essencialmente genética e/ou tipológica e essas três línguas de São Tomé e Príncipe são tipicamente línguas crioulas qualquer que seja a definição adoptada por essa categoria.

Classificar as línguas

Duas perguntas colocam-se : Será que os critérios científicos dos linguistas prevalecem sobre as intuições dos locutores ? Quais são esses critérios ? Saussure (1916/1995), no seu famoso Cours de linguistique générale, já o notava :

Il est difficile de dire en quoi consiste la différence entre une langue et un dialecte (...) on dira volontiers de personnes qui ne se comprennent pas qu'elles parlent des langues différentes (p.279).

Assim, a separação entre língua e dialecto fundar-se-ia sobre a facilidade de intercompreensão. Mas este critério va de encontro à realidade linguística. Assim, todos os sistemas de tipo « argot » cujo fundamento é a incompreensão seriam línguas diferente do francês quando fora, do tratamento particular do léxico que os tornam incompreensível a quem não recebeu a iniciação, nada os separam do francês.

De outro lado é difícil encontrar uma linha de separação nítida entre duas línguas. Os exemplos são numerosos ; o mesmo Saussure escreve :

De même qu'on ne saurait dire où finit le haut allemand, où commence le plattdeutsch, de même il est impossible de tracer une ligne de démarcation entre l'allemand et le hollandais, entre le français et l'italien...(p.279)

Quais são os critérios que o linguista usa para delimitar o seu objecto, a língua que descreve ? Costuma-se distinguir duas abordagens : a abordagem externa e a abordagem interna.

- 1) O recurso a critérios externos é frequente – e muitas vezes inconsciente – nas descrições linguísticas. Trata-se de definir a língua a descrever a partir do facto dela ser falada num lugar determinado por falantes « nativos ». Assim, a escolha do informador é determinante. Previligia-se falantes nativos com poucos contactos com outras línguas ; assim as variações serão limitadas e não terão origem externa. Esse tratamento permitirá construir, na base da intercompreensão e das divisões políticas ou geográficas, grandes grupos dando maior revelância à variação geográfica (francês do Quebec, português do Brasil...).
- 2) A abordagem interna caracteriza-se pela identificação de componentes dentro dum leque já detrminado (traços gramaticais, traços fonológicos, léxico...). O inventário dos mesmos serve à identificação de cada variedade. As gramáticas polilectais são exemplos dessa abordagem.

Num quadro diferente a gramática generativa, com a oposição I-Language/E-Language (língual interna, língual do indivíduo e língual externa, língual da sociedade) leva este tipo de visão ao seu paróxismo sendo o I-language considerado como o único objecto da linguística o que assim evita definir o que é uma língua. Falar da « língua de João » ou da « língua de Paulo » põe a questão da representatividade de João ou de Paulo, cada vez que se pretende generalizá-la a um grupo de locutores, necessidade que surge em todos os casos de aplicação (didáctica ou outra).

Qualquer que seja a perspectiva escolhida é de sublinhar que **as línguas não existem em si** mas são objectos construídos e do nosso ponto de vista, na construção desse objecto, tanto a escolha dos traços estruturais em cada variedade como a

relação entre I-Language e E-Language tomam a maior importância, o que significa que dificilmente se pode separar os aspectos linguísticos, i.e a estrutura interna, dos aspectos sociais.

O nosso objectivo neste trabalho é mostrar concretamente (isto é a partir dum exemplo) como em caso de contactos de línguas essa questão se coloca ao linguista e, no mesmo tempo, problematizar a questão da categorização das línguas e variedades linguísticas em São Tomé. Para isso, procederemos a um retorno reflexivo sobre o que nos levou nos primeiros anos da década 1990 a construir um novo objecto : o português dos Tonga.

A construção do português dos Tongas

Quando nos anos 1990, a « abertura democrática » permitiu conhecer melhor a realidade linguísticas e o plurilinguismo das roças de São Tomé (Rougé, 1992 ; Baxter, 2002, 2003), a questão da classificação e da denominação das línguas colocou-se. Mais uma vez, a distensão entre as representações dos falantes, nesse caso os Tongas e os outros moradores da ilha, e as classificações dos linguistas originaram a diversidade das denominações. No caso da variedade portuguesa falava-se de português não standard, semi-crioulo ou de português dos Tongas ; e no caso das línguas africanas falava-se de línguas africanas pidginizadas ou variedade veicular de línguas africanas, koine umbundu, ou de língua de Monte Café ou de outra roça, língua Moçambique, etc. (Rougé, 1992).

Apresentaremos aqui como, a partir da gravação duma entrevista com uma mulher idosa (mais ou menos 80 anos na altura), iniciamos a construção do que denominamos « português dos Tongas ».

Uma gravação

Trata-se de uma gravação de 50 minutos, realizada em 28 de março de 1991, em Almas, eram presentes quatro participantes : dois santomenses bilingues português crioulo (quadros na direcção da cultura); um linguista francês; e essa mulher idosa. A entrevista é conduzida em português pelos quadros da direcção da Cultura. Se a entrevistada responde sem problema e que assim a comunicação é assumida, é evidente pelo observador exterior que as variedades utilizadas pelos uns e pelos outros são diferentes.

Antes de analisar alguns aspectos internos da variedade usada pela entrevistada, daremos algumas informações sobre a personalidade dessa senhora e o conteúdo temático do seu discurso ; algumas dessas informações tiveram uma verdadeira importância na categorização linguística dessa produção.

A identificação da locutora.

Trata-se de uma senhora de mais ou menos 80 anos, nascida de pais nascidos também em São Tomé : *mia mai ve di barriga, meu pai ve di barriga.*

Os avós são oriundos de Kwanhama Angola : *caminho que [ku] tem muito boi .*

O lugar de nascimento terá a sua importância na categorização já que existe o costume de identificar os Tongas como filhos nascidos em São Tomé de serviços vindos de África. A nível linguístico isto corresponde ao processo de vernacularização (vernacular aqui é usado no sentido clássico) das variedades linguísticas.

Viveu quase toda a vida na roça de Santarem (perto de Neves).

Refere-se a uma irmã que já faleceu.

Fala português e disse que fala uma língua de Angola que identificamos como uma variedade de kimbundo e disse que falava também uma língua do Moçambique. Notamos que nunca se refere à língua dos avós. Não trataremos aqui dos exemplos que ela dá do kimbundo mas podemos mencionar que se notam muitas interferências com o português, pelo menos o português tal e qual ela o fala : *yo ngi kala-kala*.

A vida na roça :

A vida na roça na época colonial foi o principal tema de discussão, notamos as seguintes características da sua relação :

- Trata-se duma história não oficial. A história de São Tomé é vista a partir do ponto de vista dum trabalhador duma roça. Assim a figura do governador Gorgulho, não corresponde aos que esperavam os interlocutores :

*Quem cabou co porrada fô seu Gorgulho. Gorgulho é que cabou co porrada ni roça i cabou co fuba di banana; isso banana memo que nosso come (...)
tudu é Gorgulho que cabou isso porcaria*

- A roça é descrita como um universo concentracionário ou pelo menos muito fechado. Este aspecto terá uma grande importância na construção do português dos Tonga como um objecto particular.
- Essa gravação é a relação da violência quotidiana. A palavra porrada é uma das palavras mais usadas. O recurso às línguas africanas é descrito como estratégia de conservação da intimidade, dos segredos, etc. « *Patrõ pode sê tá qui, ê nõn ouve.* »

- A roça é descrita como um universo multilingue. Os nomes usados para designar as línguas são os nomes usados para designar as populações e/ou os territórios até com seus aspectos pejorativos :

Musambique te língua deles, katxupa ten língua deles, parapata te língua deles, kirimani te língua deles, isso genti di sele te língua deles.

Essa diversidade linguística encontra-se também a nível cultural, por exemplo no que diz respeito a música : *cada ninguém te batuque deli, malage te batuque deli, kiriapanga... »* mas cultura partilhada « *kiriapanga nosso dançava ele muto »*.

As características linguísticas :

- A primeira observação tirada da análise deste documento é o aspecto errático da produção. Num mesmo enunciado podemos encontrar a mesma estrutura com formas diferentes.

Yo ja squeci, yo ão tem ningué por fala co ele, tempo que falava co meu irmõ, mia irmõ ja farceu muito tempo, yo squeceu entõ ão tem.

- A nível fonético : as principais características levantadas nessa gravação são :
 Alternância não presível [v]/[b], redução do [ñ] ao elemento palatal: (*miya* por *minha*), confusão [r]/[l] : muitas vezes os [l] do português são pronunciados [r] (*farceu* por *faleceu* , redução do ão em õ, [oj]>[we] (*kweza* por *coisa*) ; transformação da estrutura silábica com aferese (*squece, rancar*), metatese (*pramatória, pergunta*), síncope, epítese dum i.

- A nível morfosintáctico as principais características são :

Expressão obrigatória do sujeito, com os pronomes sujeitos: *yo/eu*, *nosso/no/nõ*, *ele* [eli]/el , *eles* [elis]/eji. Esses pronomes, com excepção do *yo/eu* servem também de pronomes complementos.

Redução da concordância de número no sintagma nominal ; com uma regra : um nome precedido dum quantificador não recebe nunca a marca do plural (*wetu dia*, *muito raça*, *doji maxim espetado*).

Desrepeito da concordância de género (*miya pai*, *uma home*, *muyeri bonito*).

Desaparecimento dos artigos definidos do português e uso do determinante *isso* (*isso banana*)

Redução da concordância sujeito/verbo : *Kiriapanga nosso dançava ele*.

- O léxico : no essencial o léxico é o léxico do português, os africanismos são limitados para a descrição de realidades próprias (vegetação, culinária, música, etc.): *mbila*, *fuba*, *kiriapanga*, etc. Nota-se também a ausência quase total dum léxico que se poderia analisar como oriundo do forro. .

Essas características linguísticas fazem sentido e permitiram construir uma categoria « português dos Tongas » somente porque encontrávamos as mesmas nas produções linguísticas de trabalhadores de outras roças. Até o aspecto errático notado nessa gravação é uma das características do português dos Tonga e podia ser estudado

em termos de sociolinguística laboviana como parte integrante do sistema (ver os trabalhos de Baxter, Lucchesi).

Qualificamos o universo da roça de universo concentracionário. Aqui temos o principal elemento externo que conjugado a essas semelhanças estruturais foi determinante na construção da categoria. As roças eram locais fechados e os trabalhadores tinham contactos muito reduzidos com o mundo exterior o que explica as interferências quase nulas entre o português dos Tongas e o forro e/ou o angular (interferência que eram e ainda são uma das maiores características das variedades de português faladas pelos crioulofonos santomenses). Essa realidade sociológica dá mais relevância às grandes semelhanças estruturais das produções levantadas nas diversas roças do país e leva a considerar o português falado nas roças como um objecto linguístico único, uma única variedade. Assim, a intercompreensão entre locutores de diversas variedades de português e os dessa variedade linguística das roças, levou a adopção da expressão « português dos Tonga ».

Conclusão

A história das populações, a história das roças leva a considerar essa variedade de português como uma (e não a) variedade vernacular (isto é nascida in loco) do português santomeense e que deste ponto de vista podia muito bem reivindicar a qualificação de santomeense.

Hoje, com a abertura das roças, com o movimento das populações (deslocação, casamentos...) e sobretudo com o acesso de muito mais santomeenses ao português e a escolarização observa-se a fusão do português dos Tonga com

outras variedades vernaculares do português. Assim, novas variedades endogênas do português emergem desses novos contactos. Mas isso não minora o interesse científico do estudo do português dos Tongas.

Com efeito, a comparação deste português dos Tongas com certas variedades « afro-brasileiras » (Rougé 2008, 2011, Lucchesi & al. 2009), mostrou grandes semelhanças a nível estrutural. Isto, leva a considerar o português dos Tonga não só em si mais como elemento dum objecto de estudo mais amplo : as variedades vernaculares de português. Acrescentemos que produções recolhidas na Guayana francesa (Schang, 2004) sugerem que o objecto científico pode ser alargado. Assim, a identificação, a categorização, a denominação das línguas de São Tomé (e de todas as partes do mundo) tomam um sentido particular em relação a construção do objecto-língua.

Bibliographie

Baxter, A. (2002). “Semicriolization? The restructure Portuguese of the Tongas of São Tomé – A consequence of L1 Acquisition in a Special Contact Situation” in *Journal of Portuguese Linguistics* Lisboa , 7-39

Baxter, A. (2004), “The development of Variable NP Plural Agreement in a Restructured African Variety of Portuguese” in *Creoles, Contact and Language Change: Linguistic and Social implication*, Escure G., Schwegler A. (ed) Amsterdam, John Benjamin,

- Baxter, A., Lucchesi, D., Ribeiro, I. (2009). *O português Afro Brasileiro*, Salvador BaHia: EDUFBA
- Bourdieu, P. (1982). *Ce que parler veut dire Paris: Fayard*
- Ferraz, L. (1979) *The Creole of São Tomé Johannesburg Witwatersrand University Press*
- Maurer, P. (1995). *L'Angolar Hamburg Helmut Buske*
- Rougé, J.-L. (1992). "Le portugais des Tongas" in Andrade E. & Kihm, A (ed.) *Actas do Colóquio sobre "Crioulos de base lexical portuguesa"* Lisboa Colibri, 171-176
- Rougé, J.-L. (2008). "A inexistência de Crioulo no Brasil" in *África no Brasil* J.L. Fiorin & M. Petter (ed.) São Paulo Contexto, 62-73
- Rougé, J.-L. (2011). "Comparer le portugais du Brésil et les créoles portugais d'Afrique" in *Portugais et les langues africaines. Études afro-brésiliennes* Petter, M. & Vanhove, M. (ed) Paris, Karthala, 43-74
- Saussure (de) F. (1995) *Cours de Linguistique générale* Payot
- Schang, E. (2004). *Identification des langues: que faire des créoles?* Proceedings of MIDL2004. ENST Paris, 19-24.
- Tabouret-keller, A. & al. (1997). *Le nom des langues* (2 vol.) Louvain-la-Neuve: Peeters.